

ANAIS
XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL
XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

***O MAL-ESTAR NAS DEMOCRACIAS: UMA LEITURA A PARTIR DE
WINNICOTT***

Samantha Dubugras Sá

Introdução

Donald W. Winnicott, pediatra e psicanalista, tocado pelo contexto social do seu tempo e, a partir dos seus estudos sobre a natureza humana, fez importantes reflexões sobre a cultura e a sociedade, bem como a respeito das questões cruciais – saudáveis e problemáticas – que as envolvem. Winnicott formulou ideias sobre temas relacionados à liberdade, à democracia, às ditaduras e às guerras. Todos esses, mas principalmente o estabelecimento de uma sociedade democrática, estão, para o autor, profundamente relacionados ao cuidado, tanto do bebê no início da vida – exercido pela “mãe-ambiente” –, quanto à capacidade que ele precisa desenvolver, em determinado momento do amadurecimento, para vir a “considerar/cuidar” de outros. Partindo dessa ideia, podemos dizer que o princípio da democracia está no “colo da mãe” e, que a teoria winnicottiana do amadurecimento não é, apenas, pessoal, mas também social.

Winnicott nos diz: “[...] vou estudar o conceito da saúde do *indivíduo*, porque a saúde social depende da saúde individual; a sociedade não passa de uma duplicação maciça de indivíduos” (1967/2021, p. 22).

Assim, para o psicanalista britânico, a evolução da sociedade se dá consoante o desenvolvimento pessoal dos seus membros; ou seja, está intrinsecamente relacionada à maturidade. Importante dizer que tanto a democracia quanto a maturidade não podem ser decretadas em uma sociedade, pois Winnicott (1950/2021a) se refere a um fator democrático inato, que provém dos cuidados de um bom lar comum. Será a devoção da boa mãe comum ao seu filho, que irá fundamentar a capacidade que, posteriormente, permitirá a sua maturidade emocional.

A maturidade está relacionada à saúde; mas como Winnicott entende essa conquista?

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

Em outro trabalho (Sá, 2023), escrevi que em sua teoria do desenvolvimento maturacional¹, o nosso autor preconiza que o bebê nasce em um estado *não integrado*, e isso não significa estar *desintegrado*. No começo da vida, o bebê não constitui uma unidade em si mesmo, uma vez que vive uma realidade subjetivamente percebida, ou seja, a partir da sua *ilusão de onipotência*. Esse é o estágio que precede a capacidade do reconhecimento do próprio eu, sabendo diferenciá-lo do não-eu; fase anterior ao estabelecimento da constituição unitária e do reconhecimento da realidade objetiva.

Então, embora o bebê venha ao mundo com um potencial inato à integração, que, para Winnicott, caracteriza a natureza humana, será necessário um ambiente que facilite esse processo. Assim, a base para a constituição do verdadeiro *self* é estabelecida nos primórdios da infância, através do adequado provimento dos cuidados dispensados à criança por uma *mãe-ambiente suficientemente boa*. Essa mãe, no início, se adapta *ativamente* às necessidades do bebê por conta de um *estado especial, a preocupação materna primária*. A esse respeito Winnicott (1964/2020a, p. 49) refere que “Nesse estado, as mães se tornam capazes de se colocar na pele da criança [...]” e que “Durante essa fase, em grande medida, a mãe é o bebê e o bebê é a mãe” (Winnicott, 1966/2020b, p. 20).

O lactente vem ao mundo em um estado de absoluta dependência e vai avançando, aos poucos, para uma dependência relativa e, se tudo ocorrer bem, seguirá rumo à independência (Winnicott, 1970/2020c; 1968/2021b). Para que a integração do *self*, o estabelecimento da psique no corpo e, por fim, as relações de objeto, sejam possíveis, três funções da mãe são necessárias: segurar (*holding*), manusear (*handling*) e, posteriormente, apresentar objetos. Cito Winnicott:

No início, entretanto, é o segurar físico da estrutura física do bebê que fornece uma condição psicológica boa ou ruim. Segurar e manusear bem facilita os processos de amadurecimento, enquanto segurar mal implica interrompê-los repetidamente em decorrência das reações do bebê ante falhas na adaptação. (Winnicott, 1967/2020d, p. 76)

Assim, será no colo da mãe que o bebê poderá começar *a ser ele mesmo* (Loparic, 1999). Importante mencionar, aqui, que a mãe suficientemente boa não é

¹ Nas últimas traduções publicadas pela editora Ubu (São Paulo), o Conselho Editorial responsável tem optado pela tradução de “desenvolvimento emocional”.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

“perfeita”, mas se encontra “[...] preparada para essa experiência em que ela sabe extremamente bem quais as necessidades do bebê” (Winnicott, 1966/2020b, p. 21). Dessa forma, o bebê, ao nascer, depende da disponibilidade de um adulto genuinamente preocupado com os seus cuidados, isto é, que contribua para uma adaptação ativa e sensível às suas necessidades que, a princípio, são absolutas. Isso significa, em um primeiro momento, respeitar o *gesto espontâneo* do lactente, o que “alimenta” a sua ilusão de onipotência². Tal situação se dará nas primeiras semanas ou meses de vida, pois, aos poucos, aquele(a) que exerce a *função materna*, deverá desiludir (frustrar) esse bebê, na medida em que ele for capaz de suportar.

A partir daí, terá início a fase da dependência relativa, na qual a criança começa a se diferenciar do outro (eu – não eu), a integrar-se e a perceber a existência de um mundo interno e outro externo. Nesse momento surgirá a culpa verdadeira, manancial de potência e de construtividade, afora ser condição para o sentimento moral e ético do adulto – componentes da maturidade emocional e, portanto, da saúde (Winnicott, 1963/2022). A criança experimenta o sentimento de culpa ao passar a perceber a existência do “outro” e da importância do cuidado com ele. Isso implica no senso de responsabilidade – por seus aspectos amorosos e destrutivos – e de consideração pelo outro. A presença de uma figura materna confiável, que auxilie a criança na reparação, é fundamental para que o sentimento de culpa possa ser tolerado e para que se desenvolva a capacidade de *concern*.

Esse é um período de transição, um processo pelo qual a criança se move do estado de dependência total rumo à maturidade e à “independência” emocional.

O papel da família

A família, ao proporcionar para os seus filhos um ambiente no qual possam crescer como indivíduos saudáveis, possibilita que, gradualmente, eles venham a se identificar com os seus pais e, em seguida, com grupos cada vez mais extensos – escola, sociedade, cultura. Segundo Winnicott (1950/2021a), a “mãe dedicada comum”, é capaz de criar uma pessoa inteira, que se relaciona e considera o outro, que tem a possibilidade de vir a constituir a própria família e de colaborar, construtivamente, com a sociedade. Dessa maneira, é inestimável o valor da boa mãe comum para o indivíduo

² Muito parecido com o que Freud (1914/2017) chamou de “narcisismo primário”; ou seja, um estado precoce no qual o bebê investe toda a sua libido em si, pois sua energia psíquica estaria completamente voltada para o seu próprio Eu.

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

e para a sociedade, simplesmente por ser devotada a seu filho e, é por conta disso, que toda a sociedade e a política devem dar liberdade para que os pais conduzam os seus lares a seu modo (Winnicott, 1957/2021c).

Winnicott, inclusive, ressalta que, “caso se estrague ou se impeça a imensa contribuição da mãe, realizada por meio da sua dedicação, não restará nenhuma esperança de que o indivíduo um dia passe para o grupo dos [indivíduos maduros], o único responsável por gerar o fator democrático inato” (Winnicott, 1950/ 2021a, p. 296, colchetes meus). Mais uma vez fica clara a imensa importância atribuída por Winnicott aos cuidados maternos no início da vida como, também, às condições ambientais propiciadas para que as mães possam realizá-los de maneira satisfatória, pois, como mencionado, o amadurecimento pessoal influencia diretamente o amadurecimento da sociedade. Afirma o autor:

[...] a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem-sucedida entre a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser amamentado ao peito materno. Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples (Winnicott, 1945/2021d, p. 36).

Diante disso, para que possamos viver em uma democracia são necessárias inúmeras conquistas no campo da saúde psíquica individual. A própria democracia, para Winnicott, “[...] é uma indicação de saúde, porque se origina, naturalmente, da família, que é em si mesma um construto pelo qual os indivíduos saudáveis são responsáveis” (1967/2021, p. 42). Uma vez que a sociedade é o somatório de vários indivíduos, Winnicott pondera que só é possível existir uma vivência democrática se essa mesma sociedade for constituída por uma quantidade suficiente de indivíduos saudáveis.

Nas comunidades em que há uma proporção suficientemente elevada de indivíduos maduros existe um estado de coisas que proporciona a base para o que chamamos democracia. Se a proporção de indivíduos maduros se encontra abaixo de certo número, a democracia não poderá se tornar um fato político, na medida em que os assuntos da comunidade

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

receberão a influência de seus membros menos maduros, aqueles que, por identificação com a comunidade, perdem a sua individualidade, ou aqueles que jamais alcançaram mais do que a atitude do indivíduo dependente da sociedade. (Winnicott, 1988/1990, p. 173)

Partindo desses pressupostos, Winnicott (1950/2021a) nomeia como antissociais ocultos aquelas pessoas que reagem à sua insegurança interna através da identificação com uma autoridade ou com uma causa, uma vez que a realidade psíquica não pode ser suportada por sujeitos que não vivenciaram uma experiência criativa ao longo da vida que possibilitasse a integração da sua personalidade.

Os antissociais ocultos [identificados com a autoridade] não são ‘pessoas inteiras’, não mais do que os antissociais manifestos, já que cada um deles precisa encontrar e controlar a força conflitante do mundo externo, fora do self. Em contraste, a pessoa saudável, que tem a capacidade de ficar deprimida, consegue encontrar tanto o conflito inteiro dentro do self como vê-lo por inteiro fora do self, na realidade externa (compartilhada). Quando pessoas saudáveis se juntam, cada uma contribui com um mundo inteiro porque cada uma traz uma pessoa inteira. (Winnicott, 1950/2021a, p. 290, colchetes meus)

Ademais, essa identificação – dos antissociais ocultos – é doentia e imatura, pois não surge da autodescoberta do ser, “é como um livro sem palavras, repleto de páginas em branco, que aguardam uma história para ser contada”; ou seja, uma propensão a favor da sociedade, mas em oposição ao indivíduo.

Destarte, polarizações políticas e ideológicas, entre outras, podem ser exemplos de tais identificações. Os indivíduos tendem a procurar um representante, um líder, que é seguido e aclamado sem críticas. Dessa forma, os embates que se instalam no meio social, são mantidos por essas pessoas e os confrontos com aqueles que pensam de maneira diversa, são benéficos, em razão de aliviar os conflitos da realidade psíquica interna.

Quando se tem fascínio por um líder ou por determinada ideia, isso gera uma certeza acerca dos seus atos e transforma o sujeito num ditador que não possui dúvidas, apenas a obsessão por manter o domínio. Na contemporaneidade, cada vez mais, temos nos deparado com posições ou líderes que são defendidos fervorosamente e,

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

com isso, o antagonismo não é tolerado, pois é “mais fácil” impor ideias ou autoridade. Ainda assim, de maneira contraditória, a liberdade, para o grupo maior e mais forte que obteve o domínio, permanece, sem um debate aberto e maduro (Winnicott, 1969/2021e).

Por conseguinte, se estabelece a supremacia de uma ideia supostamente boa sobre uma má, contudo, a definição da importância das convicções é privilégio do ditador ou da causa. Segundo Furedi (2020), a sociedade contemporânea tem propiciado uma rápida desconexão da linguagem pública com a realidade, resultando em uma perda deliberada de perspectiva, que impede discussões entre os membros do grupo social. Assim, os significados tradicionais da linguagem se perdem. Nesse contexto, o extremismo tanto da esquerda quanto da direita revela que não há uma verdadeira discussão de pontos de vista, mas sim imposições que segregam e discriminam os indivíduos, falhando em promover mudanças significativas na sociedade e, conseqüentemente, intensificando a polarização e o empobrecimento da discussão.

Em contrapartida, Winnicott (1969/2021e) fala sobre as pessoas saudáveis que contribuem com a sociedade de uma forma ampla, que são capazes de lidar com os conflitos tanto internos quanto externos e, assim, assumem a responsabilidade pelas suas ações. Isso significa que a autonomia presente nesses indivíduos, tem como premissa a responsabilidade e, desse modo, há a liberdade, sem a necessidade de justificar as suas atitudes com base em uma determinada concepção ou autoridade; ninguém que lhe dê ou retire a permissão para fazer o que quiser ou, de acordo com Winnicott, alguém que o poupe da tirania de uma consciência.

A vida de um indivíduo saudável é caracterizada tanto por medos, sentimentos conflituosos, dúvidas e frustrações como por características positivas. O principal é que o homem ou a mulher se sintam que *estão vivendo a própria vida*, assumindo responsabilidade pela ação ou pela inatividade, e sejam capazes de assumir o crédito pelo sucesso e a culpa pelas falhas. Em outras palavras, pode-se, que o indivíduo passou da dependência para a independência, ou para a autonomia. (Winnicott, 1967/2021, p. 29, grifo do autor)

Paradoxalmente, não raro, as pessoas parecem temer tanto a liberdade quanto a sua privação. Quando alguém dá ordens, grande alívio é propiciado e a única obrigação é a devoção às ideologias ou aos grandes heróis. É difícil vermos indivíduos

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

que sejam livres e que assumam plena responsabilidade pelos seus atos e pensamentos, sem que isso acarrete frustração excessiva. Então, tanto o excesso quanto a inibição das ações e das opiniões pessoais podem ser delegadas a um líder ou a um princípio, mas o resultado é o empobrecimento do si mesmo.

Algumas palavras finais

A democracia para Winnicott (1940/2023) é um exercício de liberdade e, para tal, espera-se que os indivíduos sejam capazes de tolerar as opiniões opostas, a partir de discussões que podem envolver desgaste e dor, mas que não deixam de ser necessárias para o bom funcionamento da sociedade. Infelizmente, o que vemos atualmente, é a falta de diálogo, o que só reforça um mundo binário, em que padrões são repetidos e o protagonismo individual tem sido deixado de lado, dando lugar a falas massificadas (Unamuno, 2017).

Por fim, para concluir a presente reflexão, sem, com isso, ter a pretensão de esgotar o tema, finalizo retomando o pressuposto que um ambiente que é facilitador – suficientemente bom – precisa ter certas qualidades que irão auxiliar no processo maturacional. Desse modo haverá a possibilidade de o bebê vir a tornar-se uma pessoa real e inteira, que poderá contribuir com a sociedade de uma maneira responsável, com diálogos e produções construtivas e criativas que favorecerão a manutenção da democracia. Quando o ambiente falha em demasia ou é intrusivo, o indivíduo não consegue alcançar a plenitude do seu potencial pessoal. Logo, a adesão a um princípio ou a um líder é facilitada, pois a pessoa não consegue preencher a si mesma ou se tornar completa; e o externo acaba por proporcionar alívio, justificativas, direções, em que as atitudes são explicadas por argumentos extremistas, intolerantes e preconceituosos.

O que vemos atualmente é uma sociedade que vem sendo insuflada por pessoas que falam de liberdade, mas que não se comprometem, que não assumem responsabilidades. A democracia é uma conquista, de uma sociedade que possui diversidades e posições opostas que favorecem a ampliação das suas fronteiras. Por isso, os limites de ações que são aceitáveis não giram em torno de princípios baseados, unicamente, na liberdade de expressão, mas sim em torno de algo que deve ser debatido e negociado sem que haja prejuízo aos demais.

Dado ao exposto, vale destacar a importância de um bom lar comum, pois a essência democrática repousa nesse ambiente, e assim, segundo Winnicott, a

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

sociedade poderá caminhar com as suas diversidades de modo saudável, sem os discursos de ódio, destruição ou violência extrema. E aqueles que estão suficientemente bem, livres, responsáveis e que contribuem com a sociedade de maneira efetiva, precisam ser capazes de suportar a conquista que é própria ao seu estado de existência.

Se nos deixarmos levar pelas correntes ideológicas vigentes, correremos o sério risco de nos tornarmos partidários – de uma causa política, de um movimento, de uma agenda de interesses agrupados [...]. De alguma maneira, o teatro do mundo tornou-se um palco onde sobrevivem os coros em detrimento dos personagens: enquanto os primeiros são marcados pelo uníssono e o homogêneo os segundos são identificados pelas idiosincrasias e a irrepetibilidade (Amorim, 2017, p.11).

Referências

- Furedi, A. (2020). Are we allowed to call them riots? *Spiked online*. Disponível em: <https://www.spiked-online.com/2020/06/02/are-we-allowed-to-call-them-riots//>
- Loparic, Z. (1999). A teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal. *Infanto – Revista de Neuropsiquiatria da Infância e da Adolescência*, 7(1), 21-23.
- Sá, S. D. (2023). Eu só existo por você: considerações sobre o falso self patológico. In A. P. Almeida (Org.), *Psicanálise contemporânea: clínica, cultura e sociedade*. Zagodoni.
- Unamuno, M. D. (2017). *A agonia do cristianismo*. Livraria Danúbio Editora.
- Winnicott, D. W. (1990). O ambiente. In D. W. Winnicott, *Natureza humana*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1988)
- Winnicott, D. W. (2020a). O recém-nascido e sua mãe. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (2020b). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1966)
- Winnicott, D. W. (2020c). A dependência nos cuidados com a criança. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1970)
- Winnicott, D. W. (2020d). O ambiente saudável na infância. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

- Winnicott, D. W. (2021). O conceito de indivíduo saudável. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1967)
- Winnicott, D. W. (2021a). Algumas reflexões sobre o significado da palavra “democracia”. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1950)
- Winnicott, D. W. (2021b). Sum: eu sou. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1968)
- Winnicott, D. W. (2021c). A contribuição da mãe para a sociedade. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1957)
- Winnicott, D. W. (2021d). Alimentação do bebê. In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. W. (2021e). Os muros de Berlim. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1969)
- Winnicott, D. W. (2022). O desenvolvimento da capacidade para a consideração. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. W. (2023) Crianças na guerra. In D. W. Winnicott, *Deprivação e Delinquência*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1940)